

[HISTÓRIA][HISTÓRIA][HISTÓRIA]

O 'bruxo africano' de Salvador

Biografia de negro alforriado que praticava o candomblé e morreu como católico é exemplar

Acervo Ubaldo Sena/Reprodução

Domingos Sodré, um sacerdote africano — Escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX, de João José Reis. Editora Companhia das Letras, 446 páginas. R\$ 58

Mary Del Priore

João José Reis não é apenas um historiador de imenso talento. É também um pesquisador completo. Com este seu magnífico "Domingos Sodré, um sacerdote africano", consolida posição de destaque na constelação dos melhores estudiosos de nosso passado. Biografias de escravos e afro-descendentes no Brasil já foram feitas. Tanto as dos grandes personagens, abolicionistas, jornalistas e poetas negros quanto as dos anônimos da História, cujos registros são tão mais eloquentes quanto tais atores são discretos.

Este gênero narrativo está em crescente ascensão desde os anos 80. Nessa década, nomes como Georges Duby, Giovanni Levi ou Nathalie Davies convidaram-nos a pensar a biografia por um ângulo diferente. Enterrou-se a biografia positivista dos tempos de antanho, "superficial, anedótica e incapaz", segundo Jacques Le Goff. A reabilitação da biografia histórica integrou, então, as aquisições da história social e cultural, oferecendo aos diferentes atores históricos uma importância diferenciada. Não se tratava mais de fazer a história dos grandes nomes, em formato hagiográfico — quase uma vida de santo, sem máculas. Mas de examinar os atores, como testemunhas e como reveladores de uma época. Nada de heróis. Porém narrativas, capazes de tornar tangível a significação histórica de uma vida individual.

Alforriado, desenvolveu a fama de "papai de terreiro"

É o caso deste fascinante Domingos Sodré. Nascido no pequeno reino de Onim, atual Lagos, Domingos veio criança para a "cidade da Bahia", no auge da produção açucareira. Começou a vida como escravo num engenho do Recôncavo de cujo dono herdou o sobrenome e era parte de uma comunidade de cativos da mesma nação: os nagô. Alforriado, desenvolveu a fama de "papai de terreiro" numa época em que a imprensa acusava a polícia e as autoridades de conivência com batuques e candomblés. Morador do sobrado nº 7, da íngreme ladeira de Santa Tereza, possuiu pelo menos seis escravos e foi casado duas vezes.

Foi, ainda, ativo membro de "juntas de alforria", ou seja, uma instituição de crédito dedicada a libertar africanos escravizados. Recebia os clientes numa salinha recheada de santos católicos, enquanto o altar de candomblé, com seus "objetos de feitiçaria", se abrigava num quarto próximo. Ali realizava obrigações religiosas e preparava ebós, amuletos e beberagens. Acusado de receber obje-



SALVADOR OITOCENTISTA: ativo na rede social e religiosa africana, o negro liberto Domingos Sodré dava as cartas no candomblé baiano

Schomburg Center for Research in Black Culture (autor e data desconhecidos)/Reprodução



TRABALHADORES: obra ilumina a vida de escravos, como as dos que viviam do aluguel de outros escravos

tos roubados como forma de pagamento, Domingos deixou um processo que permitiu ao historiador a reconstituição minuciosa de sua vida.

Estes eram tempos em que os candomblés batiam seus tambores com força e recrutavam novos adeptos, enquanto a campanha repressiva, da qual Domingos foi vítima, prosseguia. Os jornais protestavam contra animais sacrificados e gritarias nos terreiros. Mas quem ouvia tais sons, não reclamava. Nem as freirinhas do convento vizinho, pois o rufar de atabaques atraía inclusive, "pessoas de certa ordem". A clientela era constituída por esposas que não queriam que seus maridos esquecessem os deveres conjugais, escravos desejosos de amansar senhores e negociantes em busca de bons negócios. Nesta época, brancos já integravam terreiros como médiuns e líderes.

Ao longo do livro desfilam

chefes de polícia e delegados que achavam que os candomblés não passavam de "divertimentos", perseguindo-os por "imorais e supersticiosos". No fim da década de 1850, a linha dura contra candomblés começou a ser traçada, mas nem sempre foi obedecida. Por um lado, havia os que achavam que demonstravam a falta de controle dos escravos por seus senhores e que tais batuques impediam o florescimento da civilização em terras baianas. Por isso mesmo, além de dificultar suas vidas, as autoridades promoviam o retorno dos africanos à África. Por outro, havia os que conheciam e freqüentavam os "papais", com profundo respeito e admiração.

Ativo dentro de uma rede social e religiosa africana, o liberto Domingos dava as cartas no candomblé oitocentista baiano. Apesar das pressões que sofria da sociedade e da polícia, tinha recursos e mobilidade social

para organizar sua experiência ritual com autonomia. Egresso de uma vivência cosmopolita, Domingos soube também mixar suas práticas religiosas com aquelas dos dominantes. O poderoso "bruxo africano" morreu como católico, fazendo testamento e pedindo missas por sua alma. Ao longo da vida, batizou livres e escravos, assumindo compromissos de proteção de seus afilhados. Construiu assim vários tipos de alianças na sociedade baiana, sendo conhecido e respeitado numa elite de libertos.

Obra merece se tornar leitura obrigatória

Mergulhado no Arquivo Público da Bahia, Reis escrutou centenas de documentos, uns levando a outros. Com cuidados de entomologista, rastelou informações e reconstituiu as múltiplas redes de relações de Domingos: amigos e senhores, vizinhos e desafetos. Iluminou tam-

bém a vida de escravos: dos que viviam do aluguel de outros escravos. De escravos, traficantes de escravos. De escravos, donos de escravos, que maltratavam seus semelhantes. Um mundo ferveja nas informações cuidadosamente costuradas pelo autor. Mapas apontam com nitidez os roteiros do bruxo e fotografias de época, apóiam as interpretações extraídas da documentação, reproduzida em cuidadosos anexos.

Essa obra merece se tornar leitura obrigatória nos departamentos de história. Não só pela qualidade da narrativa e a importância do tema, mas pela eficiente demonstração do que seja o ofício do historiador: a exploração metódica nos fundos que não os marinhos, mas que exigem a mesma atenção de quem percorre as praias, depois de grandes marés. Ao definir o olhar que lançou sobre a massa documental e ao formular a interrogação que lhe permitiu captar mudanças no tempo, Reis nos legou um trabalho ímpar que, além de revelar um personagem, sua vida e o mundo em que se movia, colocou em evidência um método de trabalho que deveria se tornar imperativo.

Dialogando com a historiografia mais atualizada, evitou citar autores que nada têm a ver com o tema, mas que servem de suporte aos modismos das linhas de pesquisa acadêmica. Como já disse alguém: "é mania de brasileiro lançar de mão de Althusser para estudar a escravidão em Conceição do Mato Dentro". Reis foge destas armadilhas e oferece aos historiadores uma verdadeira aula sobre como fazer História, enfrentando os arquivos e evitando escolhos teóricos. Seu livro é uma obra de mestre e por seu fascínio, por que não dizer, de bruxo, também. ■

MARY DEL PRIORE é historiadora, sócia honorária do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro